

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Medicina
Curso de Especialização em Saúde do Adolescente

Joelson Rodrigues de Souza

TECENDO SABERES: O adolescente especialista de si e a formação interdisciplinar

Belo Horizonte

2025

Joelson Rodrigues de Souza

TECENDO SABERES: O adolescente especialista de si e a formação interdisciplinar

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Saúde do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Regina Guimarães

Belo Horizonte

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA - CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE DO ADOLESCENTE
ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DO ALUNO
JOELSON RODRIGUES DE SOUZA

Realizou-se, no dia 28 de abril de 2025, às 15:30 horas, pela videoconferência da Plataforma Google Meet através do Link: <https://meet.google.com/uop-szxv-tin>, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada “**TECENDO SABERES: O Adolescente Especialista de Si e a Formação Interdisciplinar.**”, apresentada por **JOELSON RODRIGUES DE SOUZA**, número de registro 2021657412, graduado no curso de ENFERMAGEM, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em SAÚDE DO ADOLESCENTE. A Comissão Examinadora de avaliação do trabalho foi composta pelos seguintes membros: Prof.^a Patricia Regina Guimaraes - Orientadora (UFMG), Prof.^a Cristiane de Freitas Cunha Grillo (UFMG), Prof.^a Gabriela Antunes Ferreira (UFMG). O aluno foi autorizado para iniciar a apresentação de seu trabalho. Após a apresentação, seguiu-se à arguição pela comissão Examinadora, com a respectiva defesa do aluno. Logo após a Comissão reuniu-se sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado da avaliação do trabalho final do aluno. A comissão atribuiu nota 100 ao trabalho apresentado e considerou a monografia **APROVADA**. O resultado final foi comunicado publicamente ao aluno pela senhora Orientadora do aluno. Nada mais havendo a tratar, a Orientadora encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, após lida, será assinada eletronicamente por todos os membros da Comissão Examinadora presente na sessão, através do SEI (Sistema Eletrônico de Informações) do Governo Federal.

Belo Horizonte, 28 de abril de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane de Freitas Cunha Grillo, Professora do Magistério Superior**, em 02/06/2025, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Antunes Ferreira, Usuário Externo**, em 02/06/2025, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Regina Guimaraes, Médica**, em 04/06/2025, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4261034** e o código CRC **7894D9E6**.

Agradecimentos

À minha família, com toda a força que essa palavra carrega. E em especial aos meus pais, Diná e Daniel, por tudo o que fizeram — e ainda fazem — para que eu chegasse até aqui. Cada passo meu carrega os passos de vocês. Obrigado por nunca soltarem a minha mão, mesmo nos momentos mais difíceis.

A Laurinha, minha companheira de vida, e aos meus amigos que estiveram por perto nos dias bons e nos dias difíceis — obrigada por segurarem as pontas comigo. Por me lembrarem quem eu sou quando eu esquecia, por me darem colo, coragem, risada e direção. Por estarem, mesmo quando eu não conseguia dizer que precisava. Nada disso teria sido possível sem vocês.

A Deus, à Nossa Senhora e a todos os santos que me acompanham, por guiarem meus passos e meus encontros, e por me mostrarem — tantas vezes — que o melhor sempre vem. Mesmo quando eu duvidava, foi essa fé que me sustentou e seguiu abrindo caminhos.

À professora Patrícia Regina Guimarães, minha querida orientadora, por ter cruzado meu caminho mais de uma vez — primeiro na PUC, no projeto de extensão, e agora na especialização. Obrigado pela escuta generosa, pela força, pelos convites, pelas portas abertas, e por acreditar em mim mesmo quando eu hesitava. Você é uma grande referência pra mim!

À Cris e a toda a equipe da coordenação do Janela da Escuta, meu carinho e gratidão mais profundos. Obrigado por acolherem com tanto cuidado e por fazerem do Janela um lugar onde a escuta é viva, onde os encontros acontecem de verdade, e onde a formação é feita com afeto e com sentido. O Janela foi mais do que um cenário de prática: foi um espaço que me atravessou, que me convidou a parar, a ouvir e a me rever. Obrigado por confiarem no processo, por apostarem em caminhos que não são prontos, e por fazerem dessa experiência algo que segue comigo — não só na minha prática, mas também na forma como vejo e sinto o cuidado.

A todos os colegas e profissionais com quem cruzei nos cenários de prática — Janela da Escuta, Arte e Palavra e Brota —, meu muito obrigado. Pelas partilhas generosas, pelas construções coletivas, pelos aprendizados que nasceram nos detalhes, nos silêncios e nos improvisos. Obrigado também pela parceria nos dias corridos, pelos desabafos acolhidos com leveza, pelas conversas que acalmavam e pelas trocas que tanto me ensinaram. Levo comigo tudo isso com gratidão e ternura.

A cada adolescente que encontrei nesse caminho, meu agradecimento mais sincero e profundo. Obrigado por abrirem espaço pra que eu estivesse ali, por confiarem em mim, por dividirem histórias, afetos, silêncios e potências. Obrigado pelas perguntas que ficaram no ar, pelos risos inesperados, pelos gestos que diziam tanto sem precisar de palavras. Foi com vocês que eu aprendi, de verdade, o que significa estar junto, o que é escutar com o corpo inteiro, o que é cuidar com presença. Tudo isso segue comigo.

E, por fim, agradeço ao meu adolescente — aquele menino que eu fui e que, de tantas formas, se fez presente nesse percurso. Ele estava ali nas conversas com os jovens do Brota, nos silêncios partilhados no Arte e Palavra, na escuta inquieta do Janela. Estava também na escrita deste trabalho, me atravessando nos detalhes, nas lembranças, nas perguntas que eu ainda

carrego. Obrigado por não ter desistido, por ter seguido mesmo quando tudo parecia incerto. Por ter acreditado — às vezes com medo, mas ainda assim acreditado. Esse trabalho também é por você. Que eu nunca me esqueça da força que você teve pra me trazer até aqui, e que eu siga honrando tudo o que você enfrentou pra que eu pudesse florescer.



Joelson aos 15 anos de idade, em uma escola estadual em Igarapé-MG .
Fonte: Arquivo pessoal, 2010.

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido como relato de experiência, reflete a trajetória do autor durante a Especialização em Saúde do Adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com ênfase na escuta qualificada e na formação interdisciplinar. A partir da premissa de que “o adolescente é o especialista de si”, três cenários de prática são abordados. No projeto *Janela da Escuta*, destaca-se a construção coletiva do cuidado em equipes interdisciplinares, com valorização do protagonismo juvenil. No *Arte e Palavra*, a arte e a expressão verbal emergem como ferramentas terapêuticas no cuidado a adolescentes vivendo com HIV, promovendo pertencimento e ressignificação. Por fim, o projeto *Brota* evidencia a potência da circulação pela cidade, da arte e da escuta na ampliação de horizontes para adolescentes em contextos periféricos. O trabalho reafirma a importância de práticas que reconheçam a singularidade, autonomia e subjetividade dos adolescentes, promovendo um cuidado integral, humanizado e comprometido com a justiça social.

Palavras-chave: Adolescência; Interdisciplinaridade; Saúde Coletiva.

ABSTRACT

This experience report reflects the author's journey during the Adolescent Health Specialization Program at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), highlighting the role of qualified listening and interdisciplinary training. Based on the premise that "the adolescent is the expert of themselves," the report presents three distinct practice scenarios. In the *Janela da Escuta* project, interdisciplinary teamwork and the centrality of the adolescent in care are emphasized. In the *Arte e Palavra* group, art and verbal expression are employed as therapeutic tools for adolescents living with HIV, fostering belonging, autonomy, and narrative transformation. The *Brota* project explores how movement through the city, cultural experiences, and collective reflection can broaden the perspectives of adolescents living in vulnerable contexts. The report reaffirms the importance of care practices that recognize adolescents' uniqueness, subjectivity, and social conditions, promoting a comprehensive and humanized approach to health grounded in social justice.

Keywords: Adolescence; Interdisciplinary Care; Public Health.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Metodologia.....	9
1. A Janela da Escuta e a Formação Interdisciplinar.....	10
2. Arte Palavra: A Construção do Cuidado Centrada no Sujeito.....	13
3. BROTA: Adolescências, Periferias, Sonhos e Perspectivas.....	18
CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

Introdução

Em 2018, abordei acerca da temática adolescência no meu trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação em enfermagem e, e este iniciava-se com a definição da adolescência enquanto um “*período do desenvolvimento em que acontecem importantes alterações físicas, cognitivas e sociais na vida do indivíduo, cuja transição para a vida adulta é comumente marcada por diversos conflitos, questionamentos e inseguranças, que podem intensificar as vulnerabilidades do sujeito*” (VIDAL, GONÇALVES, SOUZA, 2018)No trabalho em questão, discorreremos sobre os desafios da construção de cuidado em saúde junto aos adolescentes e, da importância e potência do ambiente escolar neste processo. Um trabalho desenvolvido em trio, motivado a priori pelo desejo de um colega capturado por tal temática a partir de sua atuação na secretaria de uma escola pública de ensino fundamental. Reencontrei essa produção ao iniciar a escrita deste trabalho, outro TCC, já há mais de cinco anos após o primeiro, o qual consiste em um Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Saúde do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A especialização possui um carácter clínico e interdisciplinar, onde desde o primeiro momento nós, especializando, somos apresentados à premissa de que “O Adolescente é o especialista de Si” e, a partir disso, instigados e conduzidos a construir a nossa prática e o nosso saber norteados pela radical centralidade no sujeito. Nós alunos, temos a autonomia para construir o nosso próprio percurso dentre os variados cenários de prática que o programa possui, iniciando obrigatoriamente pelo cenário “Janela da Escuta”, um programa de extensão da UFMG (GRILLO et al, 2022). Assim, cada especializando tem a possibilidade de vivenciar uma experiência e um percurso singular.

Nesse contexto, este trabalho será conduzido enquanto um relato de experiência, e o dividirei em três sessões, onde em cada uma delas me proponho a descrever acerca das experiências e vivências em cada um dos cenários que passei, os correlacionando com referenciais teóricos e reflexões acerca de temáticas que estiveram presentes, e me atravessaram, em cada um destes momentos.

Na primeira seção, abordarei acerca do projeto de extensão ‘*Janela da Escuta*’ e da importância da formação interdisciplinar no campo da saúde e adolescências. Na segunda seção, relatarei acerca do cenário ‘*Arte Palavra*’, das experiências e partilhas com os adolescentes que vivem com HIV, e da necessidade de o usuário estar na centralidade da construção do cuidado. E na terceira seção, abordarei acerca do período em que estive no cenário ‘*Brota*’, e discorrerei sobre adolescências nas periferias, e como os sonhos e perspectivas podem ser afetados a partir destes contextos.

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência, modalidade de pesquisa qualitativa que toma como base as vivências concretas do autor em determinado campo ou contexto, buscando refletir criticamente sobre elas. A escolha por esse formato se justifica pelo objetivo de articular teoria e prática a partir das experiências construídas ao longo da Especialização em Saúde do Adolescente da UFMG, valorizando o percurso singular de formação no cuidado com adolescentes em diferentes territórios.

Segundo Antunes et al. (2023), o relato de experiência é uma forma de sistematização do vivido que permite compreender práticas, sentidos e aprendizagens construídas em campo. A partir da imersão direta nos cenários, o pesquisador assume o lugar de sujeito implicado, lançando mão da memória, da escuta e da reflexão como instrumentos metodológicos.

Neste trabalho, a experiência é apresentada em três recortes que representam os diferentes espaços de atuação ao longo do curso: o projeto Janela da Escuta, o grupo Arte Palavra e o projeto Brota: Cidadania, Educação e Cultura. Cada um desses cenários trouxe desafios e possibilidades específicas, permitindo a experimentação de diferentes formas de cuidado, escuta e vínculo com os adolescentes.

A construção deste relato se dá, portanto, a partir da reconstrução reflexiva dessas vivências, considerando os atravessamentos afetivos, sociais, institucionais e políticos que emergiram ao longo do processo. Não se trata de uma descrição linear dos fatos, mas de uma elaboração que busca extrair sentidos das experiências, conectando-as aos referenciais teóricos e éticos que sustentam o cuidado em saúde com adolescentes.

1. A Janela da Escuta e a Formação Interdisciplinar

Nas graduações da área da saúde, é comum sermos introduzidos desde cedo ao conceito ampliado de saúde, definido pela OMS em 1946, que vai além da simples ausência de doenças. Frequentemente, somos incentivados a adotar uma visão mais ampla de saúde, considerando seus múltiplos determinantes. Contudo, apesar desse conceito e do fato de a saúde no Brasil ser um direito garantido pela Constituição Federal e um dever do Estado, persistem inúmeras barreiras que dificultam ou impedem o pleno acesso à saúde para algumas parcelas da população. Neste contexto, destaco os desafios enfrentados pelos adolescentes.

A adolescência é uma fase de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, marcada pela construção da identidade adulta e por desafios que podem impactar significativamente a saúde dos jovens (DINIZ; FERREIRA, 2008). Trata-se de um período que exige cuidados específicos, considerando suas particularidades e oferecendo um ambiente seguro e acolhedor para que possam expressar dúvidas, inseguranças e angústias (GRILLO et al., 2012). Ainda assim, no âmbito da assistência em saúde, adolescentes frequentemente se deparam com barreiras no acesso a serviços que realmente os compreendam e os acolham integralmente. A dificuldade em lidar com as questões psicossociais dessa faixa etária, que incluem desde conflitos familiares até questões de identidade e saúde mental, expõe uma lacuna significativa no preparo de muitos profissionais de saúde, que relatam dificuldades no manejo dessas demandas e no enfrentamento de comportamentos de risco (DINIZ; FERREIRA, 2008).

Minha trajetória como enfermeiro foi marcada pela percepção das limitações do modelo biomédico predominante na formação acadêmica. Durante a graduação, tive poucas oportunidades de vivenciar práticas que transcendiam a abordagem técnica e protocolar. Uma exceção foi minha participação em um projeto de extensão em uma escola pública, onde fui introduzido ao conceito de escuta qualificada. Essa experiência revelou o potencial transformador da escuta como instrumento de cuidado interdisciplinar, evidenciando que ela pode e deve ser incorporada por diferentes profissionais da saúde. Nesse espaço, ao acolher adolescentes em suas questões cotidianas, fui desafiado a ouvir além das palavras e a considerar os múltiplos fatores que atravessavam suas histórias. Essa vivência foi fundamental para a construção de uma perspectiva ampliada de cuidado, que se consolidou e aprofundou posteriormente, já como profissional, durante minha residência em saúde mental e enquanto trabalhador da Rede de Atenção Psicossocial de Belo Horizonte.

Ao ingressar na Residência Integrada em Saúde Mental (RISM), minha compreensão sobre o cuidado em saúde se ampliou de forma significativa. Inserido em equipes interdisciplinares compostas por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, artistas, redutores de danos e outros profissionais, aprendi a atuar em um ambiente onde os saberes dialogam e se complementam. A residência não apenas reforçou a importância da interdisciplinaridade, mas também me desafiou a rever minha postura como profissional de saúde, deslocando o foco de respostas prontas para a construção conjunta com os pacientes.

Durante o acompanhamento de usuários em serviços substitutivos de saúde mental, principalmente em um Centros de Referência em Saúde Mental – Álcool e Outras Drogas (CERSAM AD) e em uma Equipe de Consultório na Rua, compreendi que o cuidado integral demanda mais do que a soma de diferentes saberes: ele exige uma articulação contínua e colaborativa entre perspectivas diversas. Essa prática desafia as fronteiras disciplinares e promove uma escuta que vai além das categorias diagnósticas, reconhecendo as singularidades de cada indivíduo. Aprendi que cuidar significa construir caminhos únicos junto aos usuários, respeitando seus tempos, histórias e demandas. Essa experiência consolidou em mim uma abordagem centrada no protagonismo do sujeito, um aprendizado que se tornou ainda mais significativo ao iniciar minha especialização em saúde do adolescente e, especialmente, durante minha vivência no projeto *Janela da Escuta*.

O *Janela da Escuta* é um projeto de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que se dedica a oferecer um espaço clínico interdisciplinar voltado para os adolescentes. O projeto adota uma metodologia centrada na construção de casos clínicos por uma equipe interdisciplinar, integrada a conversações, atendimentos e discussões com orientação psicanalítica. Essa abordagem busca ir além da paralisia gerada pela queixa inicial, transformando-a em uma questão capaz de revelar novas possibilidades de resposta e reconhecer a singularidade de cada adolescente (Santiago; Grillo; Albuquerque, 2019).

No *Janela*, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico, mas uma prática cotidiana. A equipe, composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, artistas e outros profissionais e estudantes da graduação e pós-graduação, reflete uma multiplicidade de olhares que se complementam na busca por um cuidado integral. Essa abordagem permite que o cuidado vá além do clínico, abrangendo dimensões emocionais, sociais e culturais que influenciam diretamente a saúde do adolescente.

Um caso que ilustra essa abordagem foi o de uma adolescente, a quem chamarei de Flor, que chegou ao atendimento apresentando um comportamento mais isolado. Aos poucos, ficou evidente que esse comportamento era reflexo de um histórico de violências vivenciadas por sua mãe, e embora não fossem violências físicas, a colocavam em uma posição de inferioridade dentro da dinâmica familiar. Flor e sua mãe moravam no interior de Minas Gerais, e as consultas em Belo Horizonte representavam, para ambas, uma oportunidade de explorar novos horizontes. Durante os atendimentos, discutimos possibilidades de circulação, alternativas de renda, suporte social e o fortalecimento de vínculos afetivos. Flor demonstrava afinidade pelo desenho, e essa prática tornou-se um ponto de partida para o cuidado.

Com o tempo, passei a atendê-las no Instituto Undió, onde a mãe de Flor também recebeu acompanhamento de outra profissional. Esse suporte ampliado contribuiu para que ambas assumissem uma maior autonomia no processo de cuidado, fortalecendo sua confiança e capacidade de decisão. Embora a mãe de Flor tivesse uma profissional que a acompanhava diretamente, mantínhamos, rotineiramente, um espaço para abordar questões relacionadas ao cuidado de sua filha. Esses momentos aconteciam enquanto costurávamos, uma atividade que ela havia abandonado devido ao receio de manusear agulhas após o diagnóstico de HIV.

Contudo, durante nossas conversas, ao ensinar-me pontos de bordado, ela frequentemente assumia uma postura de protagonismo e direcionamento, contrastando com sua atitude habitualmente mais passiva. Esse ato, aparentemente simples, revelou-se importante para fortalecer nosso vínculo e para reafirmar sua posição ativa no processo de cuidado.



Figura 1 – Atividade de bordado com as mães no Instituto Undió.

Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Em todas as etapas, Flor e sua mãe foram ativas na definição dos planos de cuidado, reafirmando a premissa de que o adolescente é o "especialista de si" (GRILLO et al., 2022). Essa experiência foi um exemplo vivo da proposta do *Janela da Escuta*: promover um cuidado acolhedor e humanizado, onde o adolescente se sinta protagonista de seu processo de saúde. Esse caso exemplifica como o cuidado pode ser ampliado para além das abordagens habituais, integrando diferentes saberes e práticas que reconhecem e valorizam as singularidades de cada indivíduo. Ao trabalhar em um espaço interdisciplinar, como o *Janela da Escuta*, é possível transcender o olhar isolado de uma área e construir, de forma colaborativa, um cuidado mais integral e humanizado.

Essas vivências reafirmaram que o cuidado interdisciplinar é um processo dinâmico e coletivo, que se constrói no diálogo constante entre profissionais e usuários. O *Janela da Escuta* resgatou em mim, de forma ampliada, o aprendizado iniciado no projeto de extensão, consolidado na residência em saúde mental e enriquecido pelas experiências no CERSAM AD e no Consultório na Rua. A especialização em saúde do adolescente foi o ponto culminante dessa jornada, reafirmando a importância de integrar diferentes saberes em um cuidado que reconheça o outro em sua singularidade. O cuidado interdisciplinar na saúde do adolescente exige a articulação entre diferentes saberes e profissionais, respeitando a singularidade de cada situação e promovendo a construção de projetos terapêuticos que valorizem a autonomia e a individualidade dos jovens (GRILLO et al, 2012).

Assim, a formação interdisciplinar vai além da colaboração entre áreas do conhecimento: ela promove a possibilidade de um cuidado verdadeiramente integral e humanizado, valorizando a singularidade do adolescente e fortalecendo seu protagonismo. É nesse contexto que a escuta atenta e qualificada se torna um instrumento indispensável para a construção de um cuidado significativo e transformador, e a diminuição das barreiras no acesso ao direito à saúde.

2. Arte Palavra: A Construção do Cuidado Centrada no Sujeito

O estigma associado ao HIV permanece como um grande desafio na assistência em saúde, impactando tanto a experiência das pessoas que vivem com o vírus quanto a forma como são acolhidas nos serviços. Em minha trajetória, percebo como algumas atitudes de profissionais ainda são moldadas por pré-conceitos que, mesmo manifestados de maneira sutil, podem reforçar barreiras no acesso ao cuidado para essa população. Estudos indicam que 15,3% das pessoas vivendo com HIV ou AIDS relataram sofrer discriminação por parte de profissionais de saúde, incluindo atitudes como evitar o toque físico (6,8%) e quebra do sigilo sem consentimento (5,8%) (UNAIDS, 2019). Esses números traduzem uma realidade que não apenas restringe o acesso a direitos básicos, mas também perpetua a exclusão social e o isolamento emocional de pessoas que já enfrentam a vulnerabilidade de um diagnóstico ainda tão estigmatizado socialmente.

Essa realidade torna-se ainda mais delicada quando falamos de adolescentes vivendo com HIV. Além do peso do estigma, esses jovens atravessam um período de intensas transformações, marcado pela construção da identidade, pela busca por pertencimento e pela necessidade de aceitação. Para eles, o HIV carrega uma complexidade que vai além das questões clínicas, atravessando suas relações sociais, suas percepções de si mesmos e suas perspectivas de futuro. O cuidado a esse público exige uma abordagem que não apenas respeite, mas também acolha a subjetividade dos adolescentes, reconhecendo os desafios específicos que enfrentam em sua jornada (GUIMARÃES, 2013).

Entre os adolescentes vivendo com HIV, o silêncio e o segredo aparecem como estratégias comuns para lidar com o medo da rejeição e da discriminação. Muitas vezes, evitar falar sobre o diagnóstico é visto como uma forma de proteção, tanto contra os julgamentos externos quanto contra o peso emocional de encarar essa realidade. Contudo, esse silêncio, embora protetor em alguns momentos, também pode se tornar um fardo, dificultando a saúde mental, a adesão ao tratamento e o estabelecimento de vínculos genuínos. Como Borges et al. (2009) apontam, “a imposição do silêncio às crianças é um dos aspectos mais impressionantes do diagnóstico da infecção pelo HIV, e seus efeitos podem ser devastadores”.

Foi nesse cenário que, em 2022, conheci o projeto Arte e Palavra, uma iniciativa que se propõe a transformar o silêncio em expressão. Realizado no ambulatório Orestes Diniz, o projeto oferece um espaço onde adolescentes podem explorar a arte e a palavra como formas de comunicar aquilo que, muitas vezes, é difícil de dizer. Mais do que um lugar de escuta, o Arte e Palavra é um convite à criação e à autenticidade. Por meio de atividades artísticas e de construção de narrativas, o projeto busca não apenas dar voz a esses jovens, mas também criar um ambiente onde se sintam acolhidos e respeitados em suas singularidades. Como Guimarães et al. (2016) destacam, a arte pode ser uma ferramenta terapêutica poderosa, permitindo que sentimentos e percepções sejam externalizados de maneira criativa e segura.

No Arte e Palavra, o cuidado ultrapassa o clínico para se aproximar do relacional. A partir da interação com a arte e da valorização da fala, os adolescentes não apenas compartilham suas experiências, mas também começam a ressignificar suas histórias, reconhecendo-se como protagonistas de seus processos de cuidado.

O grupo reúne-se semanalmente, às quartas-feiras pela manhã, na sala de reuniões do ambulatório Orestes Diniz. Ali, adolescentes com histórias diversas e muitas vezes atravessadas por vulnerabilidades encontram um espaço de convivência e expressão. A maioria dos participantes vivem com HIV, geralmente contraído por transmissão vertical, e muitos tem suas trajetórias marcadas por contextos de violência e exclusão social. O grupo, porém, não é composto apenas por esses jovens: também há outros adolescentes que não vivem com HIV, mas possuem familiares ou experiências de perdas relacionadas ao vírus. Esse mosaico de histórias, apesar de heterogêneo, compartilha algo em comum: para muitos, aquele é o único lugar onde podem falar abertamente sobre o diagnóstico, sem medo de julgamento ou discriminação.

As conversas que presenciei, fluíam entre temas cotidianos, como namoro e sexualidade, até questões mais profundas e complexas. Lembro-me de uma discussão que surgiu sobre contar ou não sobre o diagnóstico para parcerias amorosas. Um dos adolescentes argumentou, com clareza e maturidade, que não via necessidade de revelar o diagnóstico, comparando com a maneira como desconhecemos, por exemplo, os traumas psíquicos de uma pessoa ao iniciarmos um relacionamento. Foi importantíssimo para mim a oportunidade de observar como esses adolescentes, apesar de toda a vulnerabilidade que os atravessava, exerciam protagonismo ao problematizar questões éticas e práticas que influenciavam diretamente suas vidas.

Os encontros também tinham momentos de descontração e celebração. Muitos dos adolescentes já se conheciam há anos, formando laços fortes a partir do acompanhamento contínuo no ambulatório. Esses vínculos criavam um senso de comunidade e pertencimento, reforçado por relatos de amizades perdidas para o HIV ou pela troca de experiências sobre maternidade. Essas conversas, carregadas de intimidade e honestidade, revelavam as diferentes camadas de suas vivências e o quanto aquele grupo significava para cada um.

Embora algumas atividades fossem planejadas previamente, era essencial que o formato dos encontros se adaptasse às demandas e ao momento de quem estava presente. Muitas vezes, adolescentes que aguardavam consultas eram convidados, e acabavam se juntando ao grupo, enriquecendo as dinâmicas com suas perspectivas. Em outros dias, atendendo aos pedidos dos participantes, realizávamos atividades fora do ambulatório, como passeios ao Parque Municipal ou visitas a museus. Esses momentos fora das paredes do auditório ofereciam novas perspectivas, permitindo que os jovens ressignificassem suas relações com a cidade e com suas histórias.



Figura 2 – Piquenique com adolescentes do projeto Arte e Palavra no Parque Municipal.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Havia também muitas celebrações, como os aniversários, que eram comemorados com entusiasmo. Para muitos, aquele era o único bolo e a única comemoração do ano. Ver o brilho nos olhos dos adolescentes ao apagar as velas, rodeados pelos colegas do grupo, era um lembrete de como pequenos gestos podem carregar significados profundos. Mais do que festas, esses momentos eram marcos de pertencimento e afeto, reafirmando o espaço do *Arte e Palavra* como um lugar de acolhimento e escuta.

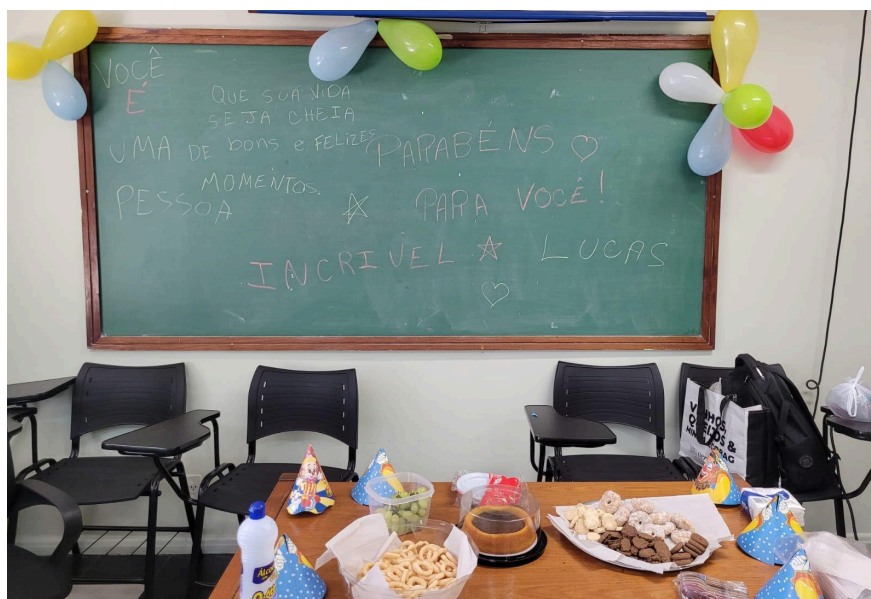


Figura 3 – Aniversário de um dos adolescentes do projeto Arte e Palavra, na sala de reunião do ambulatório Orestes Diniz.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Uma das atividades mais marcantes do *Arte e Palavra*, no período que estive presente, foi idealizada pela artista Maira Públio e intitulada *Post-it*. O projeto teve início no primeiro semestre de 2022 e se estendeu ao longo de todo o ano. A proposta era simples, mas profundamente significativa: durante os encontros, disponibilizávamos pequenos papéis coloridos, nos quais os adolescentes podiam registrar frases, desenhos ou reflexões que surgissem ao longo das conversas. Essas criações eram então coladas na parede do auditório

onde nos reuníamos semanalmente, formando um mosaico vibrante que contava a história do grupo.

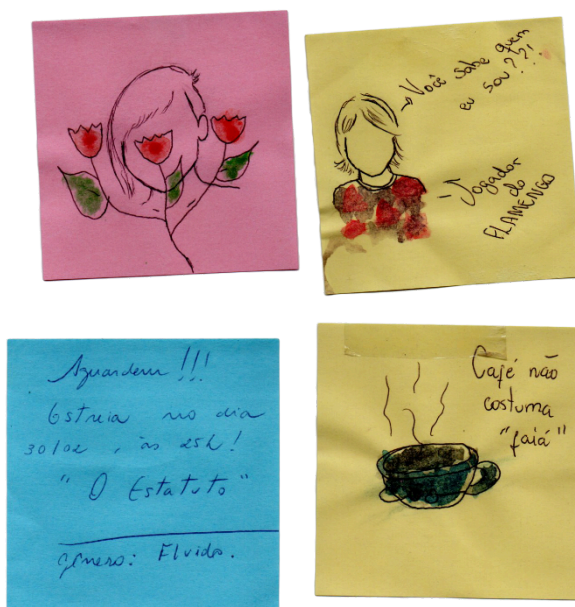


Figura 4 – Post-its construídos por adolescentes no projeto Arte e Palavra.
Fonte: PÚBLIO, Maira. 2022. Post-it. Disponível em: <https://post-it.hotglue.me/>.

Os *Post-its* eram mais do que meros registros: tornaram-se uma forma de manifestação criativa e coletiva, um espaço onde os adolescentes podiam expressar pensamentos e sentimentos que muitas vezes ficavam silenciados. Cada frase ou desenho carregava algo único sobre o grupo e os momentos vividos juntos. Entre as contribuições, havia reflexões profundas como “*Tudo começa a dar certo quando você cria o hábito de acreditar em si mesmo*” e “*Coisas boas se vão, para que melhores possam vir.*” Outras, mais leves, expressavam o humor e a peculiaridade dos adolescentes, como “*O mundo dá voltas igual ônibus*”, escrita em referência à um dos jovens que se apresentava enquanto “*busólogo*” e tinha verdadeira fascinação por ônibus.

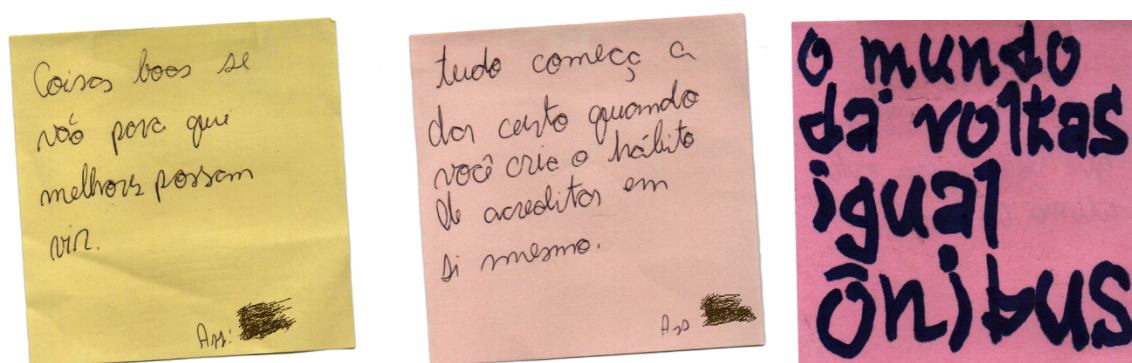


Figura 5 – Post-its construídos por adolescentes no projeto Arte e Palavra.
Fonte: PÚBLIO, Maira. 2022. Post-it. Disponível em: <https://post-it.hotglue.me/>.

Ao observar o crescimento daquela parede ao longo do ano, ficou claro para mim como essas pequenas criações representavam muito mais do que palavras ou desenhos. Elas eram marcas das vozes, histórias e subjetividades dos adolescentes, registrando desde momentos de

alegria e descontração até reflexões mais íntimas e complexas. Frases como “*Por fora era calma e serenidade, por dentro um vulcão*” revelavam camadas de sentimentos muitas vezes difíceis de verbalizar em outras circunstâncias. O *Post-it* se tornou uma espécie de memória coletiva do grupo, permitindo que todos se vissem representados naquele espaço. Para muitos, era uma forma de participar e se manifestar, mesmo quando preferiam não falar diretamente. A parede, com sua profusão de cores e significados, era um reflexo vivo do que o *Arte e Palavra* significava: um lugar de encontro, escuta e expressão, onde o silêncio era transformado em criação.

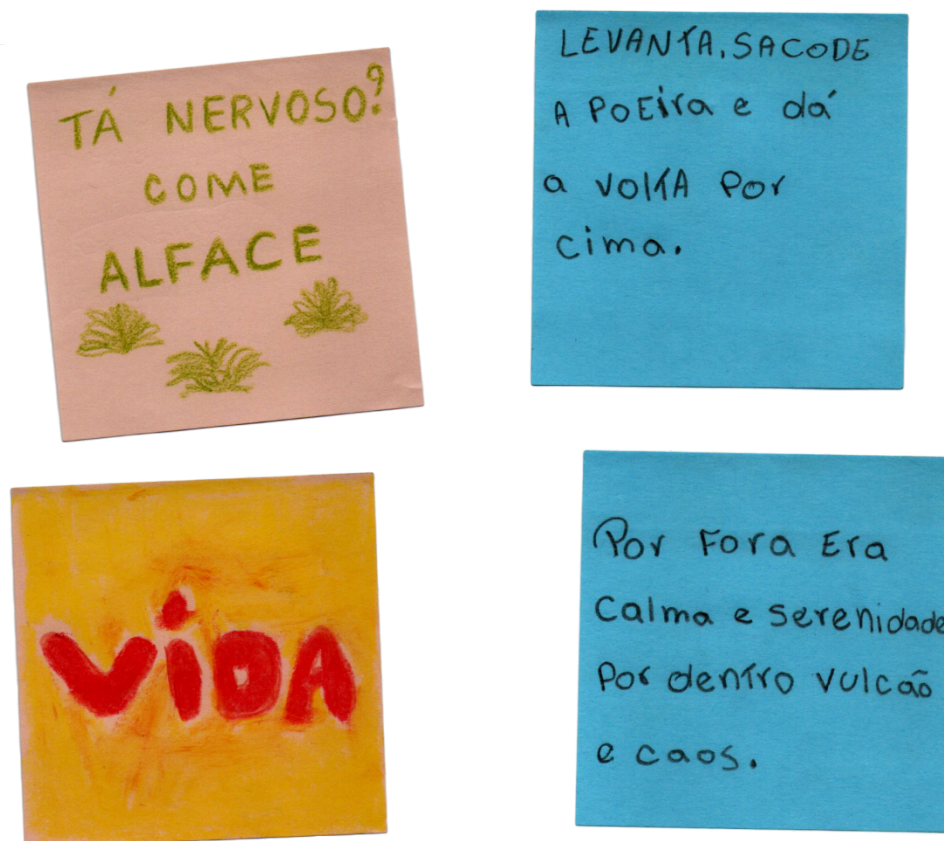


Figura 6 – Post-its construídos por adolescentes no projeto Arte e Palavra.
 Fonte: PÚBLIO, Maira. 2022. *Post-it*. Disponível em: <https://post-it.hotglue.me/>.

Em um dia específico, estávamos utilizando provisoriamente o consultório de uma médica que estava vazio. Uma das adolescentes, com um sorriso travesso, sentou-se na cadeira da profissional e começou a fingir que nos atendia. Em tom cômico, ela anunciou que estava realizando uma “*desconsulta*” e passou a dar orientações como “*comam muitos doces e não bebam água*”. A sala estava tomada por risos e descontração, um momento que, apesar de simples, traduzia a leveza que o grupo era capaz de proporcionar mesmo em meio a tantos desafios. De repente, uma médica, que iniciaria os seus atendimentos ali, entrou na sala. Seu olhar surpreso e sua pergunta imperativa “*Quem é o médico aqui?*” fizeram o clima mudar instantaneamente. O ambiente, antes repleto de risos, deu lugar a um silêncio constrangedor. Nós, que momentos antes estávamos à vontade, saímos quase automaticamente da sala, carregando o peso daquela mudança de dinâmica.

Esse episódio, embora aparentemente trivial, trouxe uma reflexão importante sobre o lugar de poder que por vezes ainda ocupamos enquanto profissionais de saúde e sobre como isso

pode influenciar as relações de cuidado. Mesmo sem intenção, a presença da médica naquele momento trouxe à tona a hierarquia implícita que frequentemente permeia nossas práticas e interrompeu a espontaneidade daquele espaço. José Ricardo Ayres (2004) destaca que o cuidado centrado no sujeito exige um deslocamento desse lugar tradicional de poder, em favor de uma postura mais dialógica e colaborativa, que valorize as experiências e os saberes de quem é cuidado. Nesse sentido, é essencial que reconheçamos o impacto de nossas atitudes e estejamos dispostos a construir vínculos horizontais que promovam a confiança e a troca.



Figura 7 – Momento da “desconsulta” com adolescentes do projeto Arte e Palavra, no ambulatório Orestes Diniz.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Esse episódio também reforçou para mim a importância da existência de espaços como o *Arte e Palavra*, onde o protagonismo dos adolescentes é central e suas vozes podem ser ouvidas de forma genuína. Mais do que um local de convivência, o grupo mostrou-se um espaço de transformação, onde histórias de vulnerabilidade eram ressignificadas e o silêncio dava lugar à expressão. Ali, os adolescentes não apenas encontravam acolhimento, mas também se reconheciam como agentes ativos de suas histórias, resgatando sua autonomia e ampliando suas perspectivas.

Concluir o cuidado com adolescentes vivendo com HIV exige mais do que conhecimento técnico ou intervenções clínicas; demanda um olhar atento para a subjetividade, a singularidade e os contextos que atravessam suas vidas. No *Arte e Palavra*, aprendi que o cuidado centrado no sujeito não é apenas uma teoria, mas uma prática viva, construída em cada encontro, em cada conversa e em cada expressão criativa. Esse aprendizado, sem dúvida, segue comigo, reafirmando a potência do cuidado que valoriza o outro em toda a sua complexidade.

3. BROTA: Adolescências, Periferias, Sonhos e Perspectivas

No primeiro semestre de 2023, tive a oportunidade de participar do projeto *Brota: Cidadania, Educação e Cultura*, um programa de extensão voltado para alunos do nono ano do ensino fundamental, com o objetivo de investigar questões referentes à evasão escolar, e os fatores que favorecem o vínculo do adolescente com o saber. O projeto propunha uma abordagem transdisciplinar, unindo juventude, educação e cultura em um espaço de troca e criação. Juntos, construíamos metodologias que incentivavam os adolescentes a explorar suas potencialidades e a ampliar suas perspectivas.

Um dos aspectos mais transformadores do *Brota* era a possibilidade de os adolescentes romperem com os limites impostos pela geografia social de Belo Horizonte. Para muitos, o simples deslocamento de seus bairros para o Centro de Referência da Juventude (CRJ), no centro da cidade, era uma experiência inédita. O misto de encantamento e estranhamento era evidente ao adentrarem aquele espaço, onde, pela primeira vez, tinham contato com realidades que iam além das fronteiras simbólicas e físicas de seus cotidianos.

A circulação pela cidade, nesses casos, representava mais do que um deslocamento físico; era uma oportunidade de se reconectarem com possibilidades antes invisíveis. Esses deslocamentos não apenas permitiam que os adolescentes acessassem novas experiências, mas também confrontassem desigualdades, percebendo que seus horizontes podiam se expandir para além das barreiras do contexto em que viviam.



Figura 8 – Adolescentes do Brota em passeio pela região central.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No Brota, os adolescentes tinham acesso a uma ampla gama de atividades, como oficinas de teatro, dança, artes plásticas, escrita e design. Essas atividades não apenas estimulavam a

criatividade, mas também promoviam reflexões sobre os contextos de vida dos adolescentes. Além disso, havia os grupos de conversação, conduzidos sob a perspectiva psicanalítica, que eram espaços potentes de escuta, onde os adolescentes podiam compartilhar vivências, frustrações e sonhos, muitas vezes pela primeira vez.

A prática com os adolescentes no Brota se deu, sobretudo, pela via da conversação, compreendida não como simples troca de falas, mas como dispositivo de escuta e produção de sentidos. Inspirado na concepção de conversação proposta por Jean-Claude Lacan e retomada por Pierre Delion e Jean-Paul Lacadée, esse dispositivo se afasta da lógica da intervenção diretiva ou do diálogo orientado por objetivos terapêuticos estritos. Como aponta Lacadée (2003), a conversação se organiza a partir da suspensão da norma e da abertura à emergência do detalhe, permitindo que o sujeito fale fora das exigências do saber, da queixa ou da resposta. No Brota, essa perspectiva se materializou em encontros que acolhiam a palavra dos adolescentes tal como ela surgia, atravessada por silêncios, desvios e invenções, e que, justamente por isso, abriam caminho para elaborações singulares sobre seus modos de estar no mundo. Essa escuta menos intencional e mais disponível possibilitou que o cuidado se desenhasse a partir da construção de vínculos e do reconhecimento da potência de cada um, na convivência, no território e na circulação pelas linguagens artísticas.

Lembro-me de uma dessas conversas que me marcou profundamente. Durante uma discussão sobre sonhos e perspectivas, um adolescente, após um longo silêncio, disse que seu sonho era ser caixa de supermercado. Para ele, sonhar com algo maior não fazia sentido, pois acreditava que a realidade em que vivia não permitiria ir além disso. A sala mergulhou em silêncio, e após um tempo alguns outros adolescentes riram. A afirmação dele parecia ecoar as desigualdades estruturais que moldam os horizontes dos adolescentes e limitam as possibilidades que eles acreditam merecer. Aquele momento reforçou para mim o impacto dos contextos em que crescemos na formação de nossas expectativas, mas também foi um lembrete do papel que projetos como o Brota podem ter na desconstrução dessas barreiras simbólicas.

O Brota revelou-se não apenas um espaço de troca e criatividade, mas também um refúgio onde os adolescentes podiam explorar as complexidades do adolescer. Em contraste com a educação formal, que muitas vezes se apresenta de maneira engessada, com currículos rígidos e pouca abertura para lidar com as questões subjetivas dos adolescentes, o Brota oferecia um espaço de liberdade. Enquanto a escola tradicional frequentemente reprime a expressão de conflitos internos e desvaloriza os saberes e vivências trazidos pelos jovens, o projeto reconhecia essas dimensões como centrais para o processo de aprendizado e crescimento.

A arte, com sua capacidade única de transformar sentimentos em expressão, foi uma ferramenta poderosa para abordar questões muitas vezes difíceis de serem verbalizadas. Por meio das oficinas e grupos de conversação, os adolescentes encontravam maneiras de dar forma aos conflitos internos, de revisitar suas narrativas e de construir novas perspectivas para si mesmos. No Brota, os adolescentes não eram tratados como meros receptores de conhecimento, mas como sujeitos ativos de suas trajetórias, com autonomia para criar e protagonizar suas histórias.

Lidar com as complexidades do adolescer em contextos de vulnerabilidade requer mais do que respostas prontas; exige espaços que promovam a escuta, a criação e a construção coletiva de significados. O Brota mostrou que a arte não é apenas um meio de expressão, mas também uma possibilidade de ressignificação e de conexão consigo mesmo e com o outro. Ali, os adolescentes podiam ser vistos e ouvidos em toda a sua singularidade, enquanto exploravam as múltiplas dimensões de suas potencialidades.

Esse deslocamento — físico, emocional e simbólico — era essencial para romper com as amarras de um cotidiano que, muitas vezes, restringe as possibilidades dos jovens. Promover espaços onde possam se mover livremente, explorar a cidade e encontrar novas conexões é parte fundamental para a construção de um cuidado que verdadeiramente acolhe e transforma. Afinal, para que possam imaginar e construir futuros diferentes, é preciso que os adolescentes sejam expostos a novos olhares, lugares e experiências.

No *Brota*, ficou claro para mim que ampliar o acesso dos jovens à cidade e à cultura não é apenas uma questão de lazer ou educação; é uma questão de direito. Esses momentos de circulação e ampliação das perspectivas são sementes de autonomia e protagonismo, elementos fundamentais para que cada adolescente possa “*florescer*”, mesmo em contextos adversos.

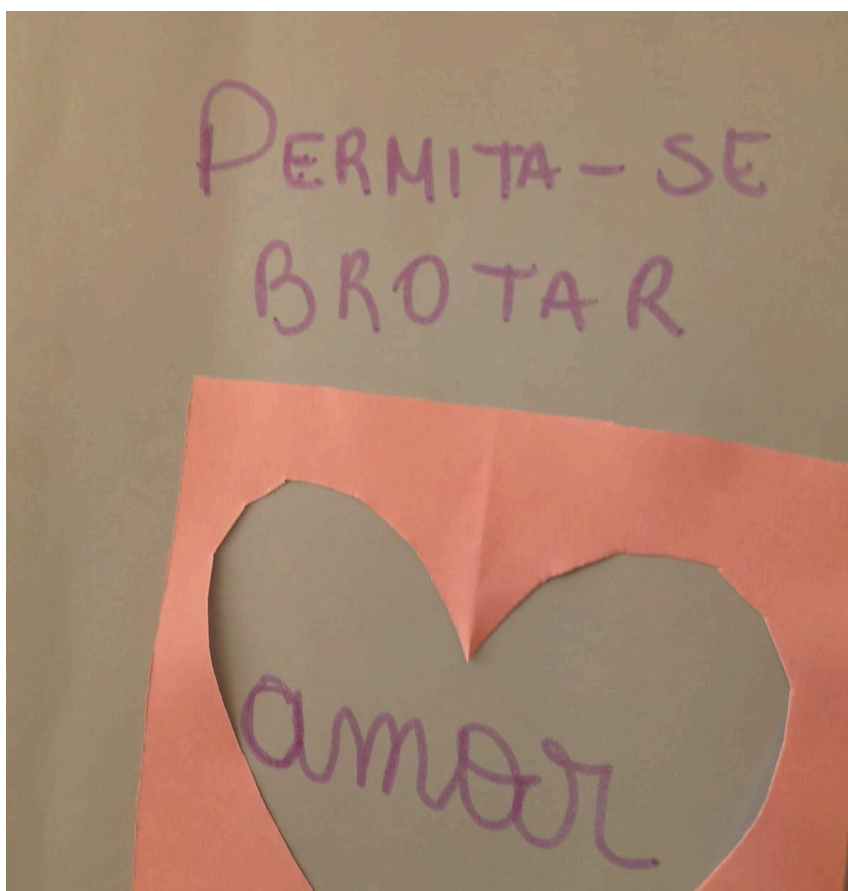


Figura 9 – Escrita feita por integrantes do Brota na parede do CRJ.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

CONCLUSÃO

Concluir este trabalho é, para mim, um exercício de revisitar minha trajetória e reconhecer o quanto fui transformado por cada experiência vivida. Essas vivências reafirmaram a importância de um cuidado que ultrapasse os limites do clínico e acolha o adolescente em sua totalidade, considerando suas histórias, subjetividades e contextos de vida. No *Janela da Escuta*, vi como a interdisciplinaridade e a valorização do protagonismo do sujeito podem transformar o cuidado, ressignificando o papel dos profissionais e desconstruindo hierarquias. No *Arte e Palavra*, presenciei a potência da arte como ferramenta terapêutica, que transforma silêncio em expressão e promove autonomia mesmo em meio à vulnerabilidade. Já no *Brota*, a ampliação de horizontes e a ressignificação das relações com a cidade e a educação mostraram-se essenciais para que adolescentes em contextos periféricos pudessem imaginar futuros diferentes.

Esses cenários reforçaram a premissa de que o adolescente é, de fato, o especialista de si. Essa perspectiva, mais do que uma teoria, tornou-se uma prática viva em cada encontro e em cada troca. Aprendi que o cuidado centrado no sujeito exige não apenas técnicas e metodologias, mas, sobretudo, disponibilidade para escutar, para acolher e para caminhar junto com o outro na construção de novas possibilidades.

As experiências vividas nos cenários da especialização evidenciaram para mim o impacto das desigualdades estruturais na formação das subjetividades dos adolescentes e como elas podem limitar seus sonhos e perspectivas. No entanto, também mostrou o quanto projetos que promovem a escuta, a criação e a troca de saberes têm o potencial de romper com essas barreiras simbólicas, ao oferecer espaços onde os jovens possam se reconhecer como protagonistas de suas histórias, reafirmamos sua autonomia e ampliamos suas possibilidades de construção de um futuro mais justo e digno.

Por fim, essa trajetória reafirmou em mim o compromisso de atuar como enfermeiro em espaços que valorizem a interdisciplinaridade e o cuidado integral, reconhecendo que cada adolescente traz em si uma história única que merece ser ouvida e acolhida. A especialização em Saúde do Adolescente não foi apenas uma etapa de formação, mas um processo transformador, que ampliou meu olhar e minha prática, reafirmando a importância de um cuidado que humanize, respeite e potencialize as singularidades de cada sujeito.

Como profissionais e como sociedade, temos a responsabilidade de garantir que os adolescentes tenham acesso não apenas à saúde, mas também a espaços onde possam sonhar, criar e se desenvolver plenamente. Que possamos, juntos, continuar a construir caminhos de cuidado que acolham e transformem, permitindo que cada jovem floresça em toda a sua potência.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Jeferson; TORRES, Cicero Magerbio Gomes; ALVES, Francione Charapa; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada: contribuições para a pesquisa qualitativa. *Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, Fortaleza, v. 6, p. 1–17, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- AYRES, J. R. C. de M. *Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004.
- BORGES, Juliana Marques Caldeira; PINTO, Jorge Andrade; RICAS, Janete. Mães e crianças vivendo com HIV/AIDS: medo, angústia e silêncio levando a infância à invisibilidade. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 32, p. 123-138, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de Adesão ao Tratamento para Pessoas Vivendo com HIV e Aids*. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- CUNHA, Cristiane de Freitas Grillo; ROCHA, Bianca Ferreira; MOURÃO, Mateus (org.). *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.
- DINIZ, C. S.; FERREIRA, R. A. Medicina do Adolescente: avaliação de uma experiência de ensino interdisciplinar. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4 Supl. 1, p. S173-S178, 2008.
- GRILLO, C. F. C.; CADETE, M. M. M.; FERREIRA, R. A.; GUIMARÃES, P. R.; MIRANDA, S. M. *Saúde do adolescente*. Belo Horizonte: Nescon UFMG, 2012.
- GRILLO, C. F. C.; ROCHA, B. F.; MOURÃO, M. *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.
- GUIMARÃES, Patrícia Regina. *Adolescentes vivendo com HIV/AIDS: impasses no tratamento*. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina da UFMG, 2013.
- GUIMARÃES, Patrícia Regina; PINHEIRO, Anna Christina da Cunha Martins; CUNHA, Cristiane de Freitas; SANTOS, Karine Ferreira dos; MIRANDA, Solange de Melo; OLIVEIRA, Luís Augusto Lopes de. Experiências com grupo de adolescentes vivendo com HIV/AIDS em um centro de referência. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 26, Supl. 8, p. S180-S184, 2016.
- JANELA DA ESCUTA. *Janela da Escuta*. Disponível em: <https://janelaescuta.wixsite.com/janela>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- LACADEE, Jean-Paul. Da norma da conversação ao detalhe da conversação. *Revista LACAN LACANEANDO*, v. 1, n. 1, p. 12–20, 2003.
- SANTIAGO, A. L. B.; GRILLO, C. F. C.; ALBUQUERQUE, I. F. C. L. Os adolescentes, as escolas e os impasses: um recorte da clínica no Janela da Escuta. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, v. 14, n. 28, p. 91-105, 2019. Disponível em: <https://www.isepol.com/asephallus>. Acesso em: 29 mar. 2024.
- UNAIDS. Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil. 2019. Disponível em:

<https://unaid.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>. Acesso em: 31 dez. 2024.

VIDAL, Daniela do Nascimento; GONÇALVES, Fernanda Rodrigues; SOUZA, Joelson Rodrigues de; SOUZA, Thiago. Necessidades de saúde referidas por adolescentes: estudo em uma escola pública da região metropolitana de Belo Horizonte. *Revista Sinapse Múltipla*, 2018.